

VITÓRIAS: A FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA - DE HOMENS SIMPLES DA ZONA DA MATA MINEIRA AOS HERÓIS NOS CAMPOS DE BATALHA DA ITÁLIA.

Por

MARCOS ANTONIO TAVARES DA COSTA

1. Introdução

E.P. Thompson¹, quando criou uma nova História Social, tinha em mente abrir novos campos de estudos históricos e novas possibilidades de entendimento de acontecimentos e fenômenos, sob o ponto de vista dos homens e mulheres que compunham, em grande maioria, a gama de atores do objeto em estudo, mas que não tinham as atenções da historiografia tradicional. Montenegro², autor de renome nacional, afirma que o fato histórico acontecido é diferente do documentado, principalmente se voltarmos nossas vistas para o olhar de cada indivíduo, por meio de sua oralidade.

A história da Força Expedicionária Brasileira (FEB) é palco não somente de batalhas, grandes generais, heróis mortos ou intrigas políticas, como vem sendo ou foi constantemente estudada pelos autores tradicionais ou de escolas mais inovadoras, civis ou militares.

O objetivo desse trabalho é desenvolver um novo panorama de conhecimento sobre a FEB, focando a Zona da Mata Mineira e seus componentes de baixa patente. Sua base social, suas relações sociais, anseios, dúvidas, expectativas... Ou seja, estudar, por meio da história oral, de documentos pessoais e oficiais, reminiscências e iconografia, qual era a visão da guerra na Europa que aqueles milhares de homens tinham e de que maneira eles se adaptaram ao saírem da simplicidade de suas vidas nas "Gerais" para o

1- THOMPSON, E.P.

2- MONTENEGRO, Antonio Torres.

"Olho" dos acontecimentos no mundo.

2. Tempos de Paz

2.1 Causas do conflito

Os veteranos da FEB, após mais de sessenta anos da formação do contingente, ainda acreditam na versão oficial da antiga DIP (Departamento de Imprensa e Política) sobre as causas que determinaram a entrada do País em confronto com a Alemanha³. Os entrevistados, como o senhor Antonio Inham e o senhor Francisco Albino, atribuem à covardia germânica pelos afundamentos dos navios mercantes, sem motivação para isso, o estado de guerra decretado em 31 de agosto de 1942. Contudo havia ligações de Vargas com os americanos, que segundo Seitenfus, passaram de largo comércio de produtos primários para cooperação militar, em detrimento às relações anteriormente desenvolvidas com os alemães. Esse motivo, no entanto, era ideal para a guerra: a defesa da honra e do território brasileiro. É apontado como justo e incentivador para a sacrifício de muitos que embarcaram nessa "aventura". Apesar disso, reticências e resistências para o alistamento e voluntariado foram comuns em todo o processo.

2.2 A convocação

É interessante o fato de que os veteranos possam reproduzir detalhes de momentos acontecidos tempos atrás. Datas, nomes completos, semblantes de rostos a tanto desaparecidos, mortos ou envelhecidos pelo tempo, ainda que lhe falhe a memória quando os fatos são de horas atrás. O momento da convocação e formação da FEB é um desses momentos que são lembrados em suas minúcias. Em 1942, quando é decretado o estado de guerra, muitos que serviam ao Exército naquele momento, como o senhor Geraldo Rodrigues, que integrou o pelotão de sepultamento, foram convocados

4 - SEITENFUS, Ricardo.

automaticamente para servir, pois tinham aprovação médica e já estavam em atividade militar.

O senhor José Maria Nicodemos, cabo integrante da peça de morteiro 60mm de um pelotão do 11º RI, demonstrou sua indignação pelo fato da FEB ser composta por diversos elementos convocados não voluntários, vindos sem preparo intelectual ou físico para servir, mas deixando militares da ativa, principalmente de patentes mais altas, de fora do contingente. Dentistas, oficiais temporários e sargentos comissionados eram promovidos a oficiais para comandarem os pelotões, enquanto tenentes de carreira eram deixados no Brasil. Aqueles que iam, eram alçados em vagas de oficiais superiores, como majores e capitães. A diretriz de Vargas para formar um efetivo com todos os representantes da Nação foi, para muitos veteranos, danosa para a homogeneidade da FEB.

Observava-se a dificuldade de entendimento entre elementos com culturas ainda em processo de integração, como os filhos de italianos e alemães do Sul e até da região da Mata. Dos nordestinos, vindos de áreas com dificuldades semelhantes às vividas na guerra. Do mineiro urbano de Juiz de Fora e da Capital e com o mineiro da roça, vindos de municípios ou distritos como Mathias Barbosa, São João Nepumoceno, Além Paraíba, Muriaé e outras. Homens diferentes reunidos em torno de um ideal ainda difícil de compreender, pois boa parte era de origem humilde, com muitos irmãos e trabalhadores braçais, que se alistaram no período antes da guerra para conseguir o certificado militar ou que após a declaração eram sorteados dentre aqueles com a idade para servir. Todos formaram a FEB do 11º RI em São João Del Rei, antes de seguirem para o campo de treinamento do Capistrano, no Rio de Janeiro.

3. A FEB toma corpo.

3.1 Treinamento e Expectativas.

O Exército Brasileiro, e isso não há dúvidas, não era preparado para ir para aquele tipo de confronto que já se desenrolava há pelo menos três anos. A forma de doutrina militar aqui reinante era dos moldes franceses, cuja característica principal era a defesa estática⁵. A blitzkrieg alemã foi uma inovação para todos os países beligerantes, ingleses, americanos, russos, todos tiveram que procurar maneiras para contrapor à forma agressiva e eficaz de luta germânica⁶, mas e o Brasil... Como poderíamos chegar ao nível combativo dos europeus? A saída encontrada foi, primeiro: romper as resistências dos militares germanófilos, que viam com simpatia não somente a forma de combate, mas também as idéias de Hitler, com a declaração de guerra isso foi parcialmente resolvido; e em segundo foi se adaptar à nova doutrina dos nossos aliados: os americanos. Foram feitas viagens de intercâmbio por oficiais brasileiros para trazer as novas idéias e pô-las em prática no Brasil, contudo não foi isso que os relatos, orais e escritos apontam.

Após a formação dos contingentes nucleados em São João Del Rei, Rio de Janeiro e Caçapava, toda a FEB foi reunida na Capital Nacional para os treinamentos unificados, que visavam além das táticas de guerra, o preparo físico, o conhecimento da própria tropa e até detalhes sobre a viagem em navios e a comida americana. Reunidos no chamado acampamento do Capistrano, na Vila Militar, foram pelo menos cinco meses, até a partida, de muitas marchas forçadas, calor, moscas, comida que tentava sem sucesso imitar a americana e o que é o pior, nenhuma tática do que realmente seria utilizada no Teatro de Operações que a FEB seria empregada. Havia já a formação dos grupos de combate, das Subunidades e Unidades que eram de fato semelhantes aos aliados, mas tivemos erros crassos, como disse o Sr Geraldo Gomes:

5 - MORAES, Mal. Mascarenhas de.

6 - FONSECA, Ruy de Oliveira.

"Não havia um Pelotão de Sepultamento formado. Tudo foi feito às pressas no 1º escalão, com a orientação dos americanos". O próprio Sr Geraldo era sargento do Pelotão de Morteiros Pesados do 6º RI (Caçapava -SP) e assumiu, juntamente com outro sargento e mais nove soldados a missão de sepultar corpos na guerra. Treinamento "estúpido" como disseram alguns, "difícil" nas palavras do Maj Rui, comandante de pelotão do 11º RI (São João Del Rei - MG), mas em todos há uma certeza: nos combates da Itália, isso de pouco valeu.

Bem ou mal a FEB estava pronta para partir, não se sabia quando, não se sabia para onde, não se sabia se haveria volta. Para muitos o contato com a família já estava rompido à tempos, devido às dificuldades em comunicações (havia somente cartas). Restava apenas esperar e sonhar pelo retorno incerto.

No dia 29 de junho de 1944 o 1º escalão, formado basicamente pelo 6º RI foi embarcado, sem aviso prévio, no navio de transporte americano "Gen Meighs".

3.3 A viagem

Não é difícil de imaginar o misto de deslumbramento, aflição e orgulho que aqueles garotos mineiros, que nunca tinham visto o mar, entrado em um navio ou nem mesmo viajado para locais distantes mais do que alguns quilômetros de casa, ao verem um navio de guerra de um dos maiores países do mundo. "baita navio", "quartel flutuante" eram expressões dos veteranos que exprimem a admiração ante o grandioso, o novo, o moderno.

Os febianos relatam que suas primeiras dificuldades na viagem, e logo ficaria claro que a preparação não foi a melhor possível, foi quanto à comida americana, que segundo eles era "doce e sem tempero" ou "o tempero ficava na mesa". Aliado ao enjoô que persistia por três dias, a viagem era quase um pesadelo. Era também o primeiro contato com os americanos, a quem os brasileiros iriam muito admirar.

Para o 1º escalão, as suspeitas sobre em que porto a FEB iria atracar somente foram confirmadas quando avistaram, depois de quatorze dias, a região de Nápoles. Era na Itália que iriam lutar, viver ou morrer.

4. A Guerra

4.1 A visão da Itália

Alguns brasileiros ouviram palavras de protestos dos italianos na sua chegada, tudo por culpa do uniforme, que era semelhante ao alemão. "eles julgavam que fôssemos prisioneiros alemães", segundo o major Ruy. Problemas à parte, os brasileiros tiveram a visão de uma terra arrasada pela guerra, ainda que o Sul do país já estivesse nas mãos dos aliados. Um território lindo de paisagens naturais, mas triste com as mazelas dos combates. Era uma visão que nunca tinham visto no Brasil, mesmo nas regiões mais pobres: casas destruídas, entulhos de veículos militares, aviões incendiados, povo maltrapilho. Mas era o local de onde saíram os antecedentes de alguns dos veteranos e para esses, era como um reencontro de suas raízes.

No início, os brasileiros tinham que buscar se adaptar àquele ambiente de guerra, cujo o modelo era o americano. O 1º escalão sofreu com a desorganização e o imprevisto, não havia barracas para dormir, a comida era enlatada, os banheiros eram caixotes de madeira ao ar livre, as armas ainda iriam ser entregues e o uniforme, como já disse, era impróprio para a guerra, principalmente quando começasse o frio europeu.

Os outros dois escalões chegaram e completaram a FEB, aos poucos, com treinamento exaustivos, que agora sim adaptavam os militares ao que iriam encontrar, com o contato com os americanos e até com as outras unidades daquela "Babel" que era a FEB no Brasil, o Exército foi cumprindo suas missões, vencendo batalhas, avançando no terreno, sepultando seus primeiros mortos, conhecendo o horror da guerra.

4.2 Fogo pela vida.

Uma das coisas mais intrigantes nessa pesquisa é constatar que não havia ódio dos brasileiros para com o inimigo alemão. Matar outra pessoa era algo que o homem simples da roça nunca pensou que pudesse fazer. Mas quando começaram as ações, os primeiros mortos e feridos, as convicções sobre isso passaram. O medo de ser o próximo, de ser considerado covarde e até a indiferença quanto à morte, mudaram a cabeça dos nossos homens da Mata. O Sr Geraldo, que antes tinha certos receios quanto ao seu trabalho de sepultamento, em pouco tempo já o via como algo normal, como relatou na tomada de Monte Castelo: "quando era meio-dia, nós paramos pra descansar, eu fui contar e nós tínhamos trinta e dois corpos ali"... "eu estava com fome e fui comer para continuar". (sic). A admiração pelo soldado americano, "preparado para a guerra", como disse o Sr. José Nicodemos, também encontrava elogios aos alemães, esses quando eram feitos prisioneiros, eram observados atentamente pelos veteranos, que apontam a disciplina com ponto forte.

Caíram 465 brasileiros nos campos italianos, 23 estão até hoje desaparecidos, 2722 foram feridos e incontáveis foram aqueles que levaram para a vida seqüelas da guerra, físicas e mentais.

Conclusão

Os relatos dos veteranos da FEB são verdadeiras aulas não somente de guerra, de militarismo ou de falar de feitos de combate. É visto como era a nossa sociedade naqueles duros anos 40, como os valores como coragem, dever e responsabilidade eram enaltecidos por pais e filhos, como a experiência de um horror muda para sempre um homem. É injusto apenas louvar a FEB apenas por ações de combate, ou até mesmo criticá-los ao desmerecer essas ações. Não podemos compará-los com exércitos poderosos e mais experientes, temos que olhar como foram feitas essas **vitórias**, no campo pessoal e humano. Como venceram uma imensidão de dúvidas, despreparo,

perigos e voltaram para contar tudo isso. É nesse ponto que devemos à FEB por sua valentia e exemplo.

Como síntese disso, comento o caso do Sr. José Antonio dos Reis, carinhosamente chamado de "Tonhinzinho", soldado telefonista do 11º RI, que após a vitória na guerra, ao chegar ao Brasil, não recebeu o carinho de sua mãe, falecida quase 1 ano antes, sem ele saber. "Tonhinzinho" não havia recebido notícias de sua família devido às determinações da censura às cartas, regulada pelo próprio Exército, que evitava que os febianos recebessem notícias desanimadoras durante a guerra.